

al-mada

ARQUEOLOGIA | PATRIMÓNIO | HISTÓRIA LOCAL

ISSN 2182-7265 [semestral]

online

#23 (tomo 2) Jul. 2020

FARISEU, 20 ANOS DEPOIS

**novidades da
arte paleolítica
do Côa**

**Um Homem do
Paleolítico Entra num Bar:
anacronismo e atualidade na
personagem do *Bartoon***

**A Era da Energia a Vapor
em Portugal: o caso agrícola**

**Desmistificando um Mito:
a Capela de Nossa Senhora
Mãe de Deus e dos Homens**



CAA

Centro de Arqueologia de Almada



Capa | Jorge Raposo

Imagem dos trabalhos arqueológicos realizados no sítio do Fariseu, em Fevereiro de 2020, que revelaram um painel gravado com mais de seis metros de dimensão, sobreposto por uma sequência de depósitos do Paleolítico Superior. Trata-se da mais recente novidade da arte paleolítica do vale do Côa (Património Mundial da UNESCO).

Foto | © Fundação Côa Parque.



II Série, n.º 23, tomo 2, Julho 2020

Proprietário e Editor |

Centro de Arqueologia de Almada,
Apartado 603 EC Pragal,
2801-601 Almada Portugal

NIPC | 501 073 566

Sede do editor e da redacção |

Travessa Luís Teotónio Pereira,
Cova da Piedade, 2805-187 Almada

Telefone | 212 766 975

E-mail | c.arqueo.alm@gmail.comInternet | www.almadan.publ.pt

ISSN | 2182-7265

Estatuto editorial |www.almadan.publ.ptDistribuição | <http://lissuu.com/almadan>

Periodicidade | Semestral

Apoio | Câmara Municipal de Almada / Associação dos Arqueólogos Portugueses / ArqueoHoje - Conservação e Restauro do Património Monumental, Ld.ª / Câmara Municipal de Oeiras / / Neoépica, Ld.ª

Director | Jorge Raposo
(director.almadan@gmail.com)

Publicidade | Centro de Arqueologia de Almada (c.arqueo.alm@gmail.com)

Conselho Científico |
Amílcar Guerra, António Nabais,
Luís Raposo, Carlos Marques da Silva
e Carlos Tavares da Silva

Resumos | Autores e Jorge Raposo (português), Luisa Pinho (inglês) e Maria Isabel dos Santos (francês)

Modelo gráfico, tratamento de imagem e paginação electrónica | Jorge Raposo

Revisão | Fernanda Lourenço, com a colaboração de Vanessa Dias, José Carlos Henrique e Sónia Tchissolle Silva

Colaboram neste número | Mila Simões de Abreu, Jaime Almansa Sánchez,

Maria José Almeida, Alexandra Aguiar Alves, José C. Henrique António, Thierry Aubry, Fernando Barbosa, Carlos Boavida, Guilherme Cardoso, Jorge Custódio, Mariana Diniz, José d'Encarnação, Lídia Fernandes, Francisco Gomes, Gerardo Vidal Gonçalves, Tiago Inácio, Luís Luís, Isabel de Luna, João Marques, Teresa Marques, Andrea Martins, Luís Filipe Pereira, Franklin Pereira, Miguel

Portela, Jorge Raposo, Raquel Caçote Raposo, Eduardo Gonzalez Rocha, André T. Santos, Pedro Silva Sena, Marcelo Silvestre, Fábio Soares e Vítor Manuel Silva.

Os conteúdos editoriais da *Al-Madan Online* não seguem o Acordo Ortográfico de 1990. No entanto, a revista respeita a vontade dos autores, incluindo nas suas páginas tanto artigos que partilham a opção do editor como aqueles que aplicam o dito Acordo.

Nos últimos meses, a crise pandémica gerada pela COVID-19 concentra, compreensivelmente, as nossas preocupações individuais e colectivas. Até à data em que escrevo, um vírus altamente contagioso infectou rapidamente quase 15 milhões de pessoas em todo o mundo, causou um número de mortes superior a 600 mil e continua em crescimento acelerado, tanto nos países com maiores dificuldades económicas e sociais, como naqueles onde são desvalorizadas as medidas de contenção apropriadas. Em Portugal, a dramática contabilidade regista perto de 49 mil infectados, mais de dois terços dos quais felizmente já recuperados. Mas várias centenas necessitaram de internamento hospitalar, parte deles em unidades de cuidados intensivos, com sofrimento e sequelas assinaláveis. O trágico balanço aproxima-se já das 1700 mortes. Esta situação obrigou a alterações, por vezes drásticas, nos comportamentos individuais e de grupo, ao nível do relacionamento social e das condições de vida e de trabalho. Só o distanciamento e a redução dos contactos físicos minimizaram com eficácia o insidioso contágio. A suspensão ou redução temporária de múltiplas actividades gerou uma crise cuja dimensão, profundidade e durabilidade ainda não estamos em condições de avaliar, mas teve e terá graves implicações na vida de muita gente, nomeadamente na ligada à Cultura e ao Turismo, por exemplo. Forçou ainda a transformação ou reinvenção social, privilegiando as tecnologias e os recursos digitais para situações que, até aí, obrigavam a trabalho presencial ou ao uso de materialidades diversas.

A produção e disponibilização de conteúdos nas várias plataformas disponíveis na Internet aumentou substancialmente, naquela que é das poucas consequências positivas de um péssimo contexto. Sem se substituírem às inegáveis potencialidades e virtuosidades de outros suportes, os conteúdos digitais mitigaram os efeitos do distanciamento e da perda de mobilidade, surpreendendo, por vezes, pela pertinência, qualidade e criatividade. Como seria de esperar, a produção editorial da *Al-Madan Online* manteve-se e a sua procura acompanhou esse movimento. A revista atraiu mais de 5100 leitores de quase todo o mundo nos primeiros seis meses de 2020, o que traduz o valor semestral mais elevado de sempre. O segundo semestre abre agora com um novo tomo, que leva até esses e outros leitores a produção intelectual de um vasto conjunto de autores, em crónicas, artigos de divulgação arqueológica e patrimonial, estudos e noticiário diverso. Permitam-me que destaque o espaço dedicado à arte paleolítica do vale do Côa, património nacional e da Humanidade, quer com o primeiro artigo de fundo sobre os recentes achados de novas gravuras associadas a contextos arqueológicos de estratigrafia bem definida, quer com um balanço do papel desempenhado pelo simpático e sempre perspicaz “Homem do Paleolítico”, na série *Bartoon* e noutras criações do cartoonista Luís Afonso. São apenas exemplos da diversidade evidenciada pelo índice, certamente traduzível em bons momentos de leitura, com prazer e saúde. Votos de que assim seja!

Jorge Raposo, 21 de Julho de 2020

EDITORIAL...3 ▶

CRÓNICAS

Comércio e Falsificação
de Objectos Arqueológicos |
José d'Encarnação...6 ▶

A Tenda Vermelha do Califa |
Pedro Silva Sena...9 ▶



ESTUDOS



Um Homem do
Paleolítico Entra num
Bar... anacronismo e
atualidade na personagem
do *Bartoon* durante a

luta pela preservação da arte do Côa e a sua
sobrevivência | Luís Luís...65 ▶

ARQUEOLOGIA



Fariseu, 20 Anos Depois:
novidades da arte paleolítica do Côa |
Thierry Aubry, Fernando Barbosa,
Luís Luís, André T. Santos e
Marcelo Silvestre...15 ▶

A Atividade Artística
dos Mestres Pedreiros
António Jorge e Manuel
Jorge (1583-1601) |
Miguel Portela...84 ▶



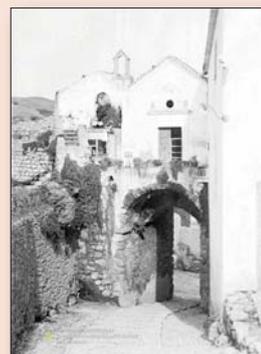
A Mamoa de Aspra
(Caminha, Viana do
Castelo): uma mudança no
paradigma? | Fábio Soares
e Vítor Silva...28 ▶



Uma Sondagem Arqueológica de
Emergência no Paço do Patim,
Torres Vedras | Guilherme
Cardoso e Isabel de
Luna...57 ▶



Intervenção Arqueológica na
“Porta da Conceição”, Alenquer:
primeiros resultados |
Raquel Caçote
Raposo...48 ▶

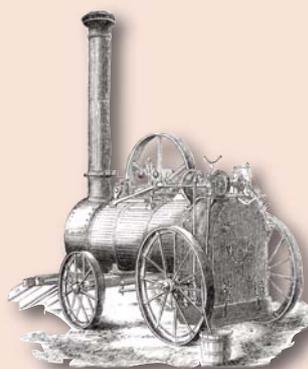


Análise Preliminar dos Contextos e
Práticas Funerárias da Idade Média em
Monção (Viana do Castelo, Norte de
Portugal) | Vítor Manuel Fontes
Silva...39 ▶

PATRIMÓNIO



Artes do Couro
no Medievo Peninsular.
Parte 4: as “*sillas de caderas*”
de Granada | Franklin
Pereira...92 ▶



A Era da Energia
a Vapor em Portugal:
o caso agrícola | Jorge
Custódio...107 ▶

Da Fábrica
de Garrafas de
Martingança à
Iberonorma: um
caso de adaptação,
preservação e
salvaguarda de património industrial
em Portugal | Tiago Inácio...129 ▶



Tabuleiros de Jogo
Gravados em Pedra em
Campanhó (Mondim de
Basto, Norte de Portugal) |
Luís Filipe Pereira e
Alexandra Aguiar
Alves...139 ▶



HISTÓRIA LOCAL



Desmistificando um Mito:
a Capela de Nossa Senhora
Mãe de Deus e dos Homens
(Pragal, Almada) | José
Carlos Henrique
António...153 ▶

NOTICIÁRIO ARQUEOLÓGICO

Fake News e o Alfabeto do Alvão:
uma mentira dita mil vezes não se torna verdade |
Mila Simões de Abreu...175 ▶

Atividades da ARQA no Âmbito de uma
Nova Dinâmica Associativa | Eduardo
Gonzalez Rocha...179 ▶

LIVROS & REVISTAS

A Revista *Scaena* do Museu de Lisboa - Teatro Romano |
Lídia Fernandes...181 ▶

Novidades editoriais...184 ▶

A Capela Privada da Casa Nobre
do Morgado de Gouvinhas, em
Gouvinhas, Sabrosa | Gerardo
Vidal Gonçalves...160 ▶



EVENTOS

Encontro Internacional *A Península Ibérica
Entre os Séculos V e X: continuidade, transição
e mudança* | João Marques, Teresa Marques
e Carlos Boavida...186 ▶

TAG (*Theoretical Archaeology Group*) Ibérico 2020 - Lisboa |
Mariana Diniz, Andrea Martins, Francisco Gomes
e Jaime Almansa Sánchez...188 ▶

O Nome das Coisas: mesa-redonda no TAG Ibérico 2020 |
Maria José Almeida e Jorge Raposo...190 ▶

Agenda de eventos...191 ▶

Comércio e Falsificação de Objectos Arqueológicos

José d'Encarnação

[Catedrático de História, aposentado, da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra].

Por opção do autor, o texto não segue as regras do Acordo Ortográfico de 1990.

O senhor desdobrava-se em explicações e até usava alguma terminologia técnica que eu, na minha candura dos 20 e poucos anos, não percebia lá muito bem e, paulatinamente, o homenzinho, bem-posto, bem-falante, cheio de elogios à mercadoria, lá me endrominou e eu comprei. O tapete até nem ficava mal a meio da sala, tinha um padrão fora do comum, tecido pelos aldeões serranos lá da Pérsia, *“pura lá, processos tradicionais, o senhor não encontra igual por aí!”*... Um dia, porém, um amigo meu, entendido nestas lides da tapeçaria de Arraiolos, das Pérsias e das Índias: *“Ná! O homem aldrabou-te bem!”* E demonstrou-me por a+b que o bonito tapete bem colorido era obra da candonga. Acabei por me habituar a ele, independentemente de não ser autêntico e, hoje, que, graças à enorme generosidade de um outro amigo, tenho, para meu gáudio e dos que me honram com a visita, um pequeno tapete vindo lá do Médio Oriente, com selo de garantia, percebo a diferença. Adorava ver meu pai a discutir com as varinas que iam lá a casa com o que lhes sobejara da venda: *“Carolina, não vês que essas sardinhas não são frescas?”* Carolina: que sim, eram! E meu pai, também por a+b, mostrava que não. Fora arrieiro logo desde jovem, abastecia-se na lota de Olhão, conhecia a frescura do peixe como todos os que andam nessa faina. A história do tapete não mais me esqueceu e amiúde a evoco quando se fala em reproduções modernas de objectos arqueológicos, que surgem no mercado a preço de autênticos. E as conversas de meu pai também vêm à baila sempre que se pressente vontade de... vender gato por lebre!

1. O contexto original e... as itinerâncias

Discorri, não há muito, sobre duas peças de metal: a pátera dita de Alvarelhos (ENCARNAÇÃO, 2012-2013) e uma estranha téssera proveniente do mercado antiquário (ENCARNAÇÃO, 2009).

“O contexto original constitui [...] o nó górdio da questão, uma vez que as peças com valor monetário resultam facilmente de prospecções clandestinas, em que as circunstâncias do achamento (por quem, onde, quando e como) se ocultam, por receio de represálias ou de intervenção das autoridades.”

Sobre a primeira conhece-se a sua itinerância (PEREIRA, 2017: 62-65). Valerá, contudo, a pena referir que foi achada, foi comprada por um homem de negócios do Porto, foi vendida a um antiquário de Paris, esteve nas mãos de um arqueólogo de Madrid, lá a foi buscar um senhor ilustre arqueólogo, José Leite de Vasconcelos de seu nome, e... faz hoje parte integrante do tesouro do Museu Nacional de Arqueologia! De pleno direito! Sem que se saiba exactamente donde veio, tendo Leite de Vasconcelos ocultado estrategicamente os nomes tanto do antiquário como do arqueólogo. É pátera autêntica, romana de gema – e andou de Anás para Caifás, em comércio.

Quanto à segunda, que tive nas minhas mãos, foi fotografada, analisada por quem dessas técnicas entendia. Não sei hoje onde pára, porque quem supostamente a tem me não responde, mas procurei dá-la a conhecer em todos os pormenores passíveis de interesse. Traz aparentemente grandes novidades para o estudo dos primeiros tempos da chamada “ocupação” romana na Lusitânia. Que se saiba, até ao momento, não se pugnou em defesa de eventual falsificação, como também se não teve em grande consideração no mundo da historiografia dessa época.

“**Em Arqueologia e no comércio, há o objecto autêntico e a cópia. Esta pode ostentar claramente esse estatuto ou apresentar-se como sendo o original. E é dessas que temos de nos livrar, porque se insinuam em todos os domínios, mormente no científico e no venal.**”



ILUSTRAÇÃO: Cronos e Reia | Fonte: Friedrich Schinkel | José Luís Madeira, colagem, 2020.

De ambas, porém, se levantou também a magna questão: donde vieram? O contexto original constitui – nem seria preciso sublinhar! – o nó górdio da questão, uma vez que as peças com valor monetário resultam facilmente de prospecções clandestinas, de achados casuais, em que as circunstâncias do achamento (por quem, onde, quando e como) se ocultam, por receio de represálias ou de intervenção das autoridades. Veja-se que, apesar de tudo, a itinerância da pátera dita de Alvarelos ficou envolta em secretismo; da tésseira referida apenas me foi dito, vagamente, que viera do Nordeste do Alentejo; dos objectos preciosos que citei em 2016 (ENCARNAÇÃO, 2016: 204-206), somente me foi indicado que teriam vindo da área de Castro Verde.

2. Reproduções e falsificações

Em Arqueologia e no comércio, há o objecto autêntico e a cópia. Esta pode ostentar claramente esse estatuto ou apresentar-se como sendo o original. E é destas que nos temos de livrar, porque se insinuam em todos os domínios, mormente no científico e no venal.

Junto aos museus, há mesmo lojas que vendem réplicas perfeitas do que lá dentro se expõe, susceptíveis até de nos surpreenderem pela minúcia de execução e pela pátina que se consegue dar-lhes para sugerirem a ideia de serem mesmo peças antigas. É sabido, por exemplo no mercado antiquário de móveis, que basta manter uma madeira em determinadas condições de humidade para ficar com aquele ar do século XVII ou até... medieval! Com as moedas – tão fáceis são de reproduzir e de se lhes outorgar a necessária oxidação!... – as reproduções são mais que muitas. De um modo geral – estaremos todos de acordo –, a reprodução de moedas visa o lucro, é raro ter uma intenção científica, de prova documental histórica. Nesse âmbito se insere também a procura em áreas onde se sabe existirem vestígios arqueológicos mediante o uso de detectores de metais, actividade punida pela legislação em vigor. Garantiu-me fonte próxima de Luís Fraga da Silva, recentemente falecido, que ele estava a estudar mui significativo lote de numismas que lhe haviam sido entregues por um grande apreciador das ruínas de *Balsa* que, de detector de metais, longamente percorrerá o sítio onde a cidade romana se erguera. Um importante pormenor, no entanto, há a salientar: é que esse “apreciador” anotava,

com todo o rigor, que é hoje possível (como se sabe), o lugar exacto onde recolhera a moeda. A ficha minuciosa de cada, para que, de futuro, servisse cabalmente de documento histórico. Vamos condená-lo? Tenho dúvidas, confesso!

Todos os arqueólogos, imagino, tiveram contacto, mais tarde ou mais cedo, com o comércio de antiguidades.

Recordo que logrei chegar à fala com José Mendonça dos Santos Furtado e Januário (e faço questão em escrever o nome dele por inteiro!), por Abel Viana não se ter esquivado a mencioná-lo num dos seus artigos; tendo-o referido eu a Fernando Nunes Ribeiro, este me disse que o antiquário teria ido para a zona de Tavira.

Da Câmara Municipal desta cidade me deram prontamente o endereço: o Monte da Guerreira, em Estiramantens!

E lá encontrei as inscrições que queria e muitas outras antiguidades que Furtado e Januário mui ciosamente guardava.

Lembro-me que D. Domingos de Pinho Brandão, tendo visto o fragmento de uma árula votiva romana numa casa de antiguidades, não hesitou em o comprar e, na comunicação que sobre ele fez, a 3 de Novembro de 1969, às I Jornadas de Arqueologia, referiu o nome da casa, o endereço, o nome do proprietário, o n.º de registo, a data e preço da aquisição, o n.º do talão de venda!...

Para que constasse!

3. Testemunhos dos Iberos

É sabido como são atraentes as peças de cerâmica da cultura ibérica. Pela forma e pela decoração. E as esculturas? Maravilha! Os museus arqueológicos da área sudoeste de Espanha deixam-nos perplexos. Uma visita ao de Valência ou, de modo especial, ao de Albacete, encanta-nos – tanto do ponto de vista histórico como estético. Por esse motivo, facilmente se alimenta o comércio de lojas próximas e da loja do próprio museu, com reproduções que, à primeira vista, nada ficam a dever ao original. Só cuidadosa análise laboratorial poderá dirimir dúvidas que porventura surjam. Conheço a colecção de esculturas e vasos “ibéricos” que um amigo meu foi reunindo ao longo de muitos anos e com dispêndio de verbas não despiciendas. Achei que tal riqueza não poderia continuar assim escondida, só para seu usufruto visual e de alguns dos seus amigos. Propus-lhe, a medo, que se fizesse uma exposição. Aceitou prontamente a ideia. Arranjei espaço, pediram-me que fosse o comissário (ainda que de Iberos eu confessasse ignorância). Encetei diligências junto dos peritos, sobretudo porque encarava a hipótese de o catálogo dessa mostra, *Voando Sobre os Iberos*, vir a ter pareceres fundamentados de colegas meus experientes na área.

E caiu o Carmo e a Trindade!

Por todos quantos consultei fui dissuadido do empreendimento, porque da iniciativa minha reputação sairia assaz beliscada,

garantiam-me. “*Tudo isso são cópias! Algumas mal-enjorçadas! Não te metas nisso!*”

Falei com o meu amigo. Mostrou-me relatórios periciais feitos em credenciados laboratórios. Explicou-me que havia peças encontradas por ocasião de trabalhos urbanos em Lisboa.

Garantiu-me que boa parte dos artefactos tinham vindo dum sítio arqueológico entre Braga e Porto, o que, em seu entender, até levantava a questão sobre a ocorrência de povoados ibéricos exclusivamente na área sudoeste peninsular.

– São cópias? Sim, esta, por exemplo, tem paralelo com a que existe num museu da Andaluzia; mas... este tema não é recorrente? Não são recorrentes vários temas das cerâmicas gregas?

Será estranho haver cópias feitas na época a que essas mesmas peças remontam? Não são apreciadas as obras dos escultores romanos, cópias claras dos originais gregos?

Não tive argumentos mais, nomeadamente porque as provas laboratoriais apontavam para a antiguidade e, num outro domínio, bastas vezes ouvi falar em “cartões” modelo que os mosaicistas romanos tinham e mosaicos com as quatro estações somos capazes de encontrar muito idênticos aqui e além pelo Império...

Não havia condições de segurança para um acervo orçado em muitos milhares e a exposição ficou a aguardar melhores dias!

Vi, assim, frustrada a minha intenção de pôr toda a gente a discutir, a fim de se fazer luz sobre o assunto.

Sempre fui partidário de que também uma cópia, mesmo feita com o intuito de ludibriar, pode ser um documento histórico.

Não revelam o nosso nível cultural e a nossa personalidade os bibelôs que nos adornam as casas? E, aí, uma figura da Rosa Ramalho, um Cristo do Josafaz, um azulejo de Artur José irmanam-se, sem problemas, com a “Última Ceia” de Leonardo e o singelo prato de um oleiro anónimo de S. Pedro do Corval... 

José d’Encarnação, 16 de Abril de 2020

BIBLIOGRAFIA

- ENCARNAÇÃO, José d’ (2009) – “Da Invenção de Inscrições Romanas, Ontem e Hoje: a propósito de uma tésseira de bronze”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 12 (1): 127-138. Disponível em <https://bit.ly/3cwb6iQ>.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (2012-2013) – “Uma Pátera Envolta em Mistério?”. *Anas*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano. 25-26: 117-132. Disponível em <https://bit.ly/34TYHix>.
- ENCARNAÇÃO, José d’ (2016) – “Os Romanos de Castro Verde (*Conventus Pacensis, Lusitania*)”. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa: IGESPAR. 19 (1): 195-210. Disponível em <https://bit.ly/3bqkwDu>.
- PEREIRA, Elisabete de Jesus dos Santos (2017) – *Actores, Colecções e Objectos: colecionismo arqueológico e redes de circulação do conhecimento. Portugal, 1850-1930*. Tese de doutoramento. Universidade de Évora. Disponível em <https://bit.ly/2RLKQA8>.

[todas as ligações à Internet indicadas estavam activas em 2020-04-16]